

economia & história



Correspondências Entre Celso Furtado e Antonio Candido

RÔMULO MANZATTO (*)

Além de prolífico autor, Celso Furtado parece ter sido um produtivo missivista. Afinal, o economista deixou um acervo de mais de 15 mil cartas. Fragmentos do cotidiano, e dos bastidores, de cinco décadas de intensa atividade intelectual.

O volume *Celso Furtado: Correspondência Intelectual: 1949-2004*, reúne 300 dessas mensagens, com seleção, introdução e notas de Rosa Freire d'Aguiar e posfácio de Luiz Felipe de Alencastro.¹ Agrupadas no volume, essas cartas registram instigantes diálogos intelectuais, conversas francas com velhos amigos, e, por vezes, deixam escapar as adversidades da vida no exílio.

Em 9 de abril de 1964, os direitos políticos e civis de Celso Furtado foram arbitrariamente cassados

pelo Ato Institucional nº 1. Furtado tinha então 43 anos e havia retomado o comando da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, a SUDENE, após breve período em que serviu como Ministro do Planejamento no governo do presidente João Goulart.

O economista então deixa o Brasil. Depois de uma breve temporada como *visiting fellow* no *Economic Growth Center* da Universidade de Yale, Furtado instala-se definitivamente na França, em 1965, onde assume o posto de professor associado na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris.²

Nas próximas duas décadas de exílio, Paris irá se tornar o principal endereço das correspondências

de Furtado com personalidades de todo o mundo. O receio de possíveis interceptações e o risco de censura faziam com que, não raro, as missivas fossem levadas por uma rede informal de portadores que cruzavam o oceano com um punhado de folhas de papel escondidas na bagagem. Talvez por isso muitas das cartas trocadas com conhecidos e amigos brasileiros mal escondam o tom abafado, algo clandestino, das conversas.

As correspondências entre Celso Furtado e Antonio Candido, reunidas no volume, são especialmente interessantes e correspondem aos anos iniciais de Furtado em Paris – período ainda de imersão do economista brasileiro no ritmo intenso e peculiar da vida acadêmica francesa da segunda metade

da década de 1960. Basta lembrar que alguns anos depois, em maio de 1968, os ideais das revoltas estudantis nas ruas de Paris repercutiriam em toda a Europa e em boa parte do mundo.

Em sentido amplo, as correspondências entre Celso Furtado e Antonio Candido vão bem além dessa troca de cartas. Furtado publicou seu *Formação Econômica do Brasil* em 1959, mesmo ano em que Antonio Candido trazia ao mundo o seminal *Formação da Literatura Brasileira*. Nas duas obras, tratava-se de estudar a história dos brasileiros em seu desejo de superar as amarras do passado colonial e constituir, respectivamente, uma economia autônoma e uma literatura própria.³

Em carta assinada em 28 de abril de 1966, Antonio Candido envia notícias de sua breve estadia nos Estados Unidos e menciona a possibilidade de que os livros de Furtado fossem editados em coleção coordenada por Florestan Fernandes na Companhia Editora Nacional. A carta termina com um rápido testemunho do aumento do custo de vida no Brasil. O relato de Candido sobre a inflação no preço de uma refeição simples fora de casa, que já mal se pagava com uma nota de 5000 cruzeiros, rapidamente se torna uma lembrança de episódios da infância do crítico literário no interior de Minas Gerais, amostra familiar da prosa sempre agradável de Candido.

A resposta de Furtado vem com a data de 6 de junho de 1966. Furtado menciona a rotina atribulada de professor, registra as primeiras impressões do ambiente acadêmico francês e reclama do que considerava como falta de preparo de alguns estudantes brasileiros que procuravam a pós-graduação naquele país. Por fim, lembra que com o período de provas se aproximando, talvez conseguisse separar algum tempo para leituras fora do campo da economia, boa literatura, e talvez algumas releituras da obra de José Lins do Rego, como escreve o economista.

Furtado escreve novamente no início do ano seguinte, em correspondência datada de 2 de janeiro de 1967. Em poucos parágrafos, convida Candido a redigir um artigo sobre o cinema brasileiro a ser publicado em número especial da prestigiada *Les Temps Modernes*, a ser coordenado por Furtado.

Candido responde na semana seguinte, em 9 de janeiro de 1967, parabenizando Furtado pela organização do volume. No entanto, o crítico literário declina do convite para indicar um nome que considerava mais apropriado para a tarefa, o do então professor de teoria e história do cinema Paulo Emílio Sales Gomes.

Nessa conversa, a tréplica de Furtado vem no mesmo mês, em 20 de janeiro de 1967. O economista diz conhecer Paulo Emílio já de

longa data, quando de sua primeira temporada na cidade, no final da década de 1940, para a realização do curso de Doutorado em economia, também na Universidade de Paris. Por fim, faz a Candido o pedido para que envie um recado a Florestan Fernandes sobre artigo a ser preparado pelo professor de sociologia para compor a edição especial da publicação francesa.

A resposta de Candido é enviada no início do mês seguinte, em 3 de fevereiro de 1967, avisando que, afinal, Paulo Emílio não poderia se encarregar do artigo, mas indicando o jovem crítico Jean-Claude Bernardet como apto a desempenhar a tarefa. Candido lamenta não ter localizado Florestan na faculdade e nem podido passar o recado já que nenhum dos dois possuía telefone em casa.

Esse breve diálogo epistolar ajuda a tecer a trama da vida de Furtado no exílio, período em que o economista brasileiro se considerou “condenado a contemplar”. No entanto, foi também o momento em que Furtado dedicou-se sistematicamente à vida acadêmica e pôde consolidar e expandir sua abordagem para compreender as estruturas que governavam a expansão da economia mundial.

Reunidas em novo volume, essas correspondências formam mosaicos interrompidos, pequenas amostras do que se passava nas vidas dos realizadores de algumas

das mais difundidas ideias sobre o Brasil na segunda metade do século XX.

Referências

D'AGUIAR, R. F. Introdução In: FURTADO, Celso. **Celso Furtado: correspondência intelectual: 1949-2004**; seleção, introdução e notas Rosa Freire D'Aguiar; posfácio Luiz Felipe de Alencastro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FURTADO, Celso. **Celso Furtado: correspondência intelectual: 1949-2004**; seleção, introdução e notas Rosa Freire D'Aguiar; posfácio Luiz Felipe de Alencastro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SCHWARZ, R. Os sete fôlegos de um livro. In: SCHWARZ, R. **Sequências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

1 Furtado (2021)

2 Sigo o relato de Rosa Freire d'Aguiar. Ver D'Aguiar (2021).

3 Ver Schwarz (2012)

() Economista (FEA-USP) e mestre em Ciência Política (DCP/FFLCH-USP). (E-mail: romulo.manzatto@gmail.com)*